

MÁRIO DE ANDRADE: UM PAINEL DA LÍRICA MODERNA ATRAVÉS DO “OLHAR ARLEQUINAL” DE PAULICEIA DESVAIRADA

Felipe Freitag¹

Resumo: A premissa desse artigo é estabelecer uma relação de aproximação entre a poesia de Mário de Andrade em seu livro *Pauliceia Desvairada* e alguns conceitos-chave referentes à definição de Lírica Moderna. Para tanto, se vale de conceitos da Lírica Moderna e da sua influência na Poética Brasileira, ou seja, de que forma seus preceitos afetaram e se transmitiram nas principais produções de poetas nacionais. Mais do que definições importantes, esses dados vão permitir possíveis leituras de poetas ligados, diretamente, a essas novas influências históricas. É o caso de Mário de Andrade, poeta precursor do movimento de 1922, e que ainda permanece sendo um poeta de difícil aproximação e leitura (aqui os motivos são muitos, mas, principalmente a dificuldade em assimilar as novas evoluções que a Modernidade veio desenvolver no campo da poesia).

Palavras-chave: Pauliceia Desvairada. Mário de Andrade. Lírica Moderna; Modernismo brasileiro. Olhar arlequinal.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Termos como “grotesco” e “feios”, antes pouco usados, ganham forma e palavra na arte literária da e na Modernidade, na qual a dissonância e a anormalidade são conceitos fundamentais. De uma maneira geral, pode-se afirmar que a concepção poemática parece ter mudado consideravelmente no percurso da história (da Antiguidade à Modernidade), violentando e abalando certos pressupostos já alicerçados da Lírica. Esse trabalho, ainda permite fazer uma interpretação possível para o entendimento do poeta Mário de Andrade e de sua **Pauliceia Desvairada**, com base em alguns conceitos, tanto da Lírica Moderna, quanto da própria obra do poeta, sob o entendimento daquilo que podemos definir como “olhar arlequinal”.

Esse breve exercício de análise, explorará uma perspectiva sobre o conceito de “olhar arlequinal”, tentando entender de que forma ele se processa e o que está querendo reivindicar na poética de Mário de Andrade.

¹ Mestre em Letras-Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente participa como professor-pesquisador no projeto CADRELP do Centro de Artes e Letras da UFSM, que visa à formação inicial e continuada de licenciados em Letras. E-mail: feletras2007@hotmail.com.

2. O “OLHAR ARLEQUINAL: VESTÍGIOS DE UM CONCEITO:

Com base em uma interpretação possível da personagem “Arlequim”, a tarefa de desmembrar uma possível significação se mostra trabalhosa. Veja-se o que o dicionário pode nos orientar:

Substantivo masculino; Rubrica: teatro. personagem da *commedia dell'arte* [Seu traje era feito de retalhos multicoloridos ger. em forma de losango]; Derivação: por extensão de sentido, fantasia de carnaval ou baile de máscaras motivada por esse personagem; Derivação: sentido figurado, bufão gracioso; farsante, truão, palhaço; Derivação: sentido figurado, amante malicioso, de atitude oposta à ingenuidade do amor romântico; Derivação: sentido figurado, pessoa volúvel e/ou irresponsável (HOUAISS, 2016).

As possibilidades parecem se aclarar de maneira substancial se tomarmos o arlequim como a visão primitiva do grotesco, por suas roupas e modos: a imagem do “louco”. Assim, compreende-se o arlequim como a variante moderna do cômico, ou seja, da personagem violadora da ordem. Em contrapartida, quando se tenta entender o termo “arlequinal”, levado a interpretação ao nosso contexto histórico, atentamos para outras possíveis representações. Aqui, duas coisas, em primeiro lugar, a simetria, expressa pelo traje, pela roupa, símbolo de precisão, de cálculo e de ordem; em segundo lugar, do espaço do carnaval, que é uma festividade que expressa a suspensão da ordem.

Ademais, então, há um caráter ambíguo para o “olhar arlequinal”, alicerçado pela Teoria do Cubismo (movimento artístico da Modernidade), já que ao abolir a perspectiva de uni-dimensionalidade, cria-se aquilo que podemos chamar de: bi, representando a multiplicidade, e nesse sentido, o Cubismo deseja cristalizar o objeto, tomá-lo sobre ângulos diferentes e possibilitar realidades distintas.

Sendo assim, nota-se esse aspecto na poesia e no “olhar autoral” de Mário de Andrade, assim como no “olhar do eu-lírico” do autor mencionado. Há nesses olhares o que se pode denominar “simultaneidade”, ou seja, aquilo que existe ao mesmo tempo. A abstração cubista, em seus princípios e em sua essência, tem como premissa o olhar sobre a obra e sobre a realidade. Dessa forma, o “olhar

Mário de Andrade: um painel da lírica moderna através do “olhar arlequinal” de pauliceia desvairada

arlequinal” mostraria não só um olhar sobre a realidade, mas também um olhar sobre a própria obra de arte.

Atentamos, portanto, aqui, ao olhar crítico de Mário de Andrade, que, de maneira irônica, cria suas obras literárias a partir do desvairismo e da suspensão da ordem. Tudo isso através de uma simulação da simultaneidade, como que reproduzindo uma câmera de cinema, filmando nesse caso, a cidade de São Paulo.

3. MÁRIO DE ANDRADE E A LÍRICA MODERNA:

A obra poética de Mário de Andrade é, do ponto de vista teórico, a mais importante do Modernismo brasileiro. Até certo momento, a sua poesia foi uma poesia-tese: imposição de novas palavras, de novos ritmos, de novas formas e de novos temas. Importadas ou não, foram comprovadas numa prática poética singular, que foi toda ela, um total estranhamento. Sua produção poética se insere num espaço de tensão: o EU *versus* o OUTRO, ou seja, o desdobramento de um eu-lírico que, enraizado na tradição, vai-se projetando num objeto, identificando-se com ele e transfundindo-se nele para, então, resolver nele sua ambiguidade fundamental.

Em Mário de Andrade, há uma qualidade mestra que domina as outras e é responsável pela sua grandeza como poeta: a sua capacidade de descobridor. A poesia é, antes de tudo, uma aventura de descobrimento. É poeta aquele homem que vai descobrindo significações novas nas coisas velhas e, principalmente, sentidos novos em coisas novas - antes dele inexploradas. A sua grande habilidade está em “fazer falar” o silêncio; em apagar-se para fundir nele a sua poesia.

A virtude poética, neste grande autor brasileiro, não está no assunto, nem tão pouco nos jogos de palavras; mas no próprio ato de olhar as coisas e senti-las, quaisquer que elas sejam, e de trazê-las para um plano em que a sua experiência poética as transforma em fontes eternas de beleza.

Poeta de síntese e de busca, Mário de Andrade atinge a dimensão do lirismo integral, em que a significação deixa de ser apenas nocional, apoiada num sistema orgânico de concatenações, para defluir de uma espécie de sintonia, em que a parte mais importante compete ao leitor, como na música: da partitura ao executante, do executante ao ouvinte. O poema de Mário de Andrade começa e termina ali, célula que nasce e morre, simultaneamente, “uma curiosidade em via de satisfação”.

Nas mãos de Mário de Andrade, cada palavra é um encantamento, uma evocação e um exorcismo da coisa que nomeia. A poesia quer ser uma criação autossuficiente e pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, mas também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos. Quando a Poesia Moderna se refere a conteúdos – das coisas e dos homens – não os trata descritivamente, nem com o calor de um ver e sentir íntimos. Ela nos conduz ao âmbito do não familiar, torna-os estranhos, deforma-os. O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal.

Do mesmo modo que ele cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria as leis de sua composição. Do mesmo modo que ele cria seu tipo de poema, ele cria seu conceito de poema, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa sua. O que espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original.

Na verdade, quando se escrevia para leitores, a comunicação era indispensável e foi somente quando o autor, com desprezo desse leitor definido, começou a escrever para um leitor possível, que as bases do hermetismo foram fundadas. Porque neste momento, a tendência do autor foi a de identificar o leitor possível consigo mesmo.

Existe aqui uma capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência do homem, sua degradação, sua mediocridade, mas também de pressentir uma beleza misteriosa nisso tudo, não descoberta, mas que carece de atenção, para ser desvendada de maneira poética.

Mário de Andrade, assim como Charles Baudelaire, é um homem completamente curvado sobre si mesmo. Todavia, este homem voltado para si mesmo, quando compõe poemas, mal olha para seu eu empírico. Ele traduz em seus versos a si mesmo, na medida em que se sabe vítima da Modernidade.

Nesse exercício de decompor e desfazer o real em suas partes – entendido como aquilo que percebemos de maneira sensória – acaba por significar deformá-lo. O resultante de tal destruição, já não poderá ser um mundo ordenado realisticamente. Será uma imagem irreal que já não se deixará controlar pelas ordenações normais e reais.

A lírica europeia do século XX não é de fácil acesso. É enigmática e obscura. Sua obscuridade fascina, na mesma medida em que desconcerta o leitor. Esta

junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada de “dissonância”, pois gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade. Trata-se de um objetivo das artes modernas em geral. Como comportamento da composição lírica, o transformar domina a poesia moderna e, em verdade, tanto no que diz respeito ao mundo como à língua.

Esse comportamento gera um efeito de choque, cuja vítima é o leitor. Este não se sente protegido, mas sim, alarmado. A linguagem poética moderna adquire um caráter de experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado.

E agora, com outra forma de poetizar, eis que surgem também outras categorias, quase todas negativas, e além do mais referidas, em crescente medida, não mais ao conteúdo, mas, antes, à forma. Elas vêm usadas não para censurar, mas para descrever e, até mesmo, para elogiar. A poesia baseia-se na “produção acidental propositada”; ela representa o que foi dito “em concatenação livre acidental”, “quanto mais pessoal, mais local, mais temporal é uma poesia tanto mais ela está próxima do centro da poesia”.

Há uma questão de determinação histórica dessa lírica, uma questão que está diretamente relacionada à ideia de futuro, ou seja, quais vão ser os rumos desse novo estilo, desse novo modo de poetizar e de compor, de que forma poeta e poesia vão se adaptar aos novos tempos, se posicionar diante do novo momento histórico? Mudaram os rumos da poesia, mudaram os conceitos estéticos e mudaram também as diferentes maneiras de sentir a poesia. A sensibilidade é nova e pede também uma modificação crescente e constante nas formas e nos meios.

3.1. PAULICEIA DESVAIRADA:

A obra andradeana **Pauliceia desvairada** é mesmo um livro-tese: com uma introdução (os poemas Inspiração e O trovador); com um desenvolvimento (poemas sobre a cidade, poemas sobre os seus habitantes e poemas sobre um habitante especial, no caso o próprio Mário); e, finalmente, com uma conclusão (As enfiaturas do Ipiranga), em que os temas são recolhidos e relacionados num oratório profano.

Pauliceia Desvairada é o do poeta do cotidiano - que constrói a sua poesia com os dados da vida de todo o dia (dados que são transfigurados e servem de ponto de partida para as suas mais belas aventuras poéticas). Existe em **Pauliceia Desvairada**, uma maneira de guerra, que representa a sua função dentro do Modernismo.

Versos que não foram escritos “para leitura de olhos mudos”, mas para serem cantados, urrados, chorados – como diz o autor no **Prefácio interessantíssimo**. Assim se apresentava **Pauliceia Desvairada**. Se antes tínhamos a força insinuante na poesia de Manuel Bandeira, os versos de Mário de Andrade surgem querendo causar a estranha sensação de deslocamento. São versos que procuram a capacidade de representar a agitação e o tumulto da vida nas grandes cidades.

Havia uma fórmula lapidar denominada por Manuel Bandeira de: “ruim esquisito” para qualificar a poesia “passadista” de Mário de Andrade. Ele trazia a boa nova das mudanças imediatas e necessárias da modernidade – e o contato de suas palavras catalisava as vontades transformadoras, precipitando aquilo que a própria época preparara. Mário de Andrade é um poeta que encontra dentro de si a linguagem nova para representar-se e para representar a sua cidade. Nas palavras de Tristão de Athayde:

[...] representa o livro *Pauliceia Desvairada*, uma corajosa clarificação de tendências, uma visão poderosa da vida atual e de todos os contrastes da civilização moderna, uma reação necessária contra a asfixiante rotina das formas consagradas e bem gramaticadas, e, sobretudo, uma tentativa de originalidade literária brasileira – cheia de força, de possibilidades, de inteligência conquistadora. (ATHAYDE, 1924)

Nesse sentido, o momento histórico moderno tornou-se essencial na arte vigente do século XX, porque se incorporou à sua linguagem, virou procedimento artístico, foi integrado no coração da forma de tal modo que se fez “representativo”. Havia aqui, sobretudo, uma necessidade de mudança constante, de tentativa, de exploração, antes de ser devorado por seu tempo o poeta tinha de ser capaz de dominar esse mesmo momento histórico, a palavra aqui se faz absoluta, representando o poeta.

Mário de Andrade parece ser objetivo nas sensações, embora subjetivo na expressão. Um desafio e tanto para o poeta, que se vê tendo de equilibrar a noção objetiva dos aspectos da cidade moderna com o tumulto de sensações do homem moderno no meio da multidão. O mesmo movimento que perturba a cristalização do lirismo cria nos poemas uma dissonância que é índice das dissonâncias da vida moderna. O lirismo difícil e incompleto representa as dificuldades e incompletudes do sujeito lírico na modernidade incipiente.

Isso tudo causa um efeito que podemos denominar “principal”, ou seja, que se eleva na poesia de Mário de Andrade: um sentimento de proximidade, pois

usando de nomeação e individualizando seu primeiro motivo temático, a cidade-Pauliceia, o poeta se faz mais ligado a ela; atribuindo-lhe em consequência, seu próprio estado de ânimo, criando uma identidade entre poeta e cidade.

Frente à paisagem da cidade, não registra simplesmente aquilo que seus olhos podem ver, ao contrário, procura em suas sensações, nas impressões que a cidade transmite para seu interior, as marcas que revelam a imagem única e dúplice de ambos. Assim como não se compreende a cidade sem as deformações do eu, também não se compreende o eu sem as deformações nele provocadas pela cidade. O que existe aqui é uma troca dupla, tanto poeta quanto cidade tornam-se capazes de doar o material necessário para o lirismo, a cidade age no poeta e o poeta reage em versos sobre a cidade.

O ritmo de Pauliceia nos revela certa redundância do significado, que se compensa pela multiplicação dos significantes, mostrando uma inclinação à explicitação progressiva do sentido. São dissonâncias que soam como anúncios de um novo tempo, signos de luta criativa. Tudo aqui é sentido na pele, como se a cidade revestisse o homem.

Pauliceia desvairada está sobre o prisma da estética moderna e da problematização da arte ocorrida no começo do século. Em seu **Prefácio interessantíssimo**, expressa a sedimentação das ideias futuristas e expressionistas de Mário de Andrade. Mais do que isso, expressa os novos conceitos latentes na nova linguagem lírica e serve se exemplificação disso (depuração das formas).

Trazia a tona um ideal de “grito do inconsciente”, de uma atitude de rompimento com os valores tradicionais através de um debate íntimo e público. Transportava em seus versos a primeira linguagem da moderna poesia brasileira. Linguagem essa que nasce sob o signo da afetação de loucura, aquilo que podemos chamar: “humor arlequinal”, ou seja, misto de arrogância e simplicidade, provocação e palhaçada, desafio e auto-irrisão.

Já sem a candura dos românticos, sem o decoro verbal dos parnasianos, era um dissidente. Diante de um destino social de conflito, a ruptura com a tradição era quase que uma imposição natural. O conceito de estética era dado como termo vazio, não representava uma simples voz, seu significado tradicional era questionado. Tudo isso fazia parte da inquietação motivada por uma fase de pesquisa e experiência, de tentativas e de projetos novos. Havia uma busca intelectual constante que procurava com muito esforço a interpretação da realidade sócio-histórica e sociocultural do país.

A poética de Mário de Andrade se confunde com o Movimento Modernista nacional e internacional, numa briga contra a ortodoxia e contra o pensamento

filosófico metafísico. A ideologia estética da intelectualidade pré-guerra nada mais podia representar; a nova geração se mostrava perplexa diante das mudanças internas e externas; as circunstâncias sociais e políticas estavam diferentes: exigiam um novo posicionamento.

Entre 1922 e 1930, São Paulo viveu a constante atitude de rebeldia, oposição à comunidade e questionamento da natureza do fazer literário. Eram elaboradas sínteses, visando mostrar os diferentes caminhos que esse grupo modernista trilhava. Era preciso situar-se em sua própria realidade, compreendendo-a e compreendendo-se a partir dela. Havia uma busca pela síntese da cultura da sociedade e da história brasileiras.

Era mais do que necessário aqui, criar os conceitos que necessitavam como instrumento, era preciso mais do que nunca o trabalho pragmático. Experiência teórica e prática, ora a práxis de criação artística suscitando as ideias, ora estas conduzindo àquelas. Tanto Mário como Oswald de Andrade, orientaram o trabalho pragmático do Modernismo brasileiro na direção das correntes europeias que melhor refletiam e ativavam as transformações da arte e da literatura. Essa orientação assinalava a estabilização de uma atitude de “heterodoxia e de oposição”, típica dos fenômenos de vanguarda próprios da época.

Na medida em que se realizou a assimilação das ideias, dos procedimentos e técnicas vinculadas por essas vanguardas, foi que se definiu, no movimento de 1922, uma perspectiva estética central, de que se afastaram, ou se aproximaram, no período de ordem crítica, ao sabor de múltiplas tendências em jogo, refletidas numa poesia e numa prosa nem sempre modernas, as distintas perspectivas que individualizaram as correntes do nosso modernismo.

Se junta a isso, uma visão acentuadamente crítica da sociedade brasileira. Com os princípios trazidos pelo momento histórico da Modernidade, os poetas e as suas produções impregnaram-se de artefatos interpretativos, ligações diretas a tendências que estavam se desenvolvendo paralelamente ao processo de composição. A atualização da arte às condições de vida moderna se processaria como recuperação de/ou retorno as possibilidades constantes do espírito humano.

3.2. VANGUARDAS:

Importante nesse momento, destacar quais eram as principais vanguardas europeias, cuja intelectualidade brasileira do Modernismo “bebia”, mas não deglutindo-a, sem antes passar por uma filtragem abrazeirada. A seguir, destacam-se esses movimentos artísticos de construção e de composição do processo

Mário de Andrade: um painel da lírica moderna através do “olhar arlequinal” de pauliceia desvairada

de transformação da arte e da ruptura da tradição artística e literária na Modernidade:

- Futurismo

- Lirismo catártico, de choque;
- Elementos materiais em estado bruto, signos rudimentares, descontinuidade lógica;
- Os ruídos da música, os gestos do teatro, a palavra solta e fecundante produzindo efeito pelas suas associações e analogias, o rompimento da sintaxe, o realce dos nomes e dos verbos em proveito da “imaginação sem fios” que caminha de imagem em imagem.

- Expressionismo

- Força dos verbos e substantivos, supressão da pontuação;
- Ver interiormente, inexatidões, deformações e contrastes do que existe exteriormente;
- Exaltar o elementar, interrupções, cortes sintáticos na poesia, que tem sua ordem verbal própria, não discursiva fragmentária e descontínua.

- Cubismo

- Modo próprio de representar e conceber o mundo;
- Cristalização de um objeto tomado de ângulos diferentes;
- Realidade autônoma (correlação de seus elementos materiais e formais);
- Pureza (primeira virtude plástica);
- Elementos e meios novos criando uma obra de arte por si mesma, revolução visual.

- Dadaísmo

- Autonomia da obra coloca em audiência o isolamento da arte na sociedade e acentuava seu contraste;
- Violência contra as deformações da linguagem visava destruir a cultura artística para depurá-la dos emblemas e insígnias que a mitificavam;
- Visão infantil, inconsequente, insulto, agressão social.

- Surrealismo

- Associação livre ou pelo sonho, as potências inconscientes da vida imaginária;
- Liberação do pensamento, força de choque.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nada mais extraordinário e ao mesmo tempo simples como definir a poesia de Mário de Andrade como uma sucessão constante de imagens, supostamente desconexas, mantendo um vínculo interior de conectividade. O olhar do poeta e o olhar do seu eu-lírico se voltam para a metrópole do desenvolvimento, para a metrópole da agitação cultural e intelectual, São Paulo é o berço do Modernismo e permeia quase todos os poemas, de maneira direta ou indireta. Por vezes é: “comoção da minha vida”, por outras “minha Londres das neblinas finas”². Mais do que citada, São Paulo é retratada nos detalhes, pequenos, substanciais, para o interior do poeta que a sente na pele, diariamente, para o poeta que a vive de corpo e alma.

Em meio a toda confusão, até mesmo na indagação: “Necessidade a prisão para que haja civilização?”, há ainda, em meio a tudo isso, o olhar irônico, crítico, indagador, esse, trazido pelo elemento desmistificador da ordem, o arlequim, o “olhar arlequinal”. São Paulo acontece e a poesia, a crítica veemente, sob os ângulos do poeta acontece junto com ela, de maneira simultânea, seja apenas vendo “de passagem”, ou parando e “olhando de perto”, de forma a ironizar de forma rígida a realidade.

A poesia grita, chora, pede ajuda e mostra São Paulo por inteira, na sua diversidade, na sua miséria e na sua riqueza, nas suas contradições pequenas, e naquelas que são maiores que o poema pode suportar.

“E sigo/E vou sentindo”, e o poeta segue, segue vencendo o dia, mesmo que o gosto na boca não seja o desejado, a vida, como a cidade, seguem de forma “intermitentemente”, e diante de tudo, às vezes, resta ao poeta se sentir “um tupi tocando um alaúde”. O belo e o grotesco do cotidiano citadino, que encanta, mas que ao mesmo tempo, desfigura, como nos poemas abaixo:

² Todas as citações entre aspas no corpo do texto que não apresentam referência bibliográfica são versos de poemas da obra *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, mais especificamente, dos últimos três poemas que encerram esse artigo.

Inspiração

“Onde até na força do verão havia
tempestades de ventos e frios de
crudelíssimo inverno.”

Fr. Luís de Sousa

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinal!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...
São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...
Sou um tupi tangendo um alaúde!

Paisagem N.1

Minha Londres das neblinas finas!
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.
Há neve de perfumes no ar.
Faz frio, muito frio...
E a ironia das pernas das costureirinhas
parecidas com bailarinas...
O vento é como uma navalha
nas mãos dum espanhol. Arlequinal!...
Há duas horas queimou Sol.
Daqui a duas horas queima Sol.

Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos,
um tralálá... A guarda-cívica! Prisão!
Necessidade a prisão
para que haja civilização?
Meu coração sente-se muito triste...
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
dialoga um lamento com o vento...

Meu coração sente-se muito alegre!
Este friozinho arrebicado
dá uma vontade de sorrir!

E sigo. E vou sentindo,
à inquieta alacridade da invernia,
como um gosto de lágrimas na boca...

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. In: *Poesias Completas*. São Paulo: Martins, 1966.
- ATHAYDE, Tristão. “Política e Letras”. In: VVAA. *À Margem da história da República (ideais, crenças e afirmações)*. Rio de Janeiro: Anunário do Brasil, 1924.
- BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA LIMA, Luiz. *Lira e anti-lira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 6 v. Rio de Janeiro: Editora Global, 2003.
- DICIONÁRIO HOUISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://atlas.sct.embrapa.br/houaiss2009/cgi-bin/houaissnet.exe?palavra=arlequim:12115>>. Acesso em: 11/02/2016.

Mário de Andrade: um painel da lírica moderna através do “olhar arlequinal” de pauliceia desvairada

FAUSTINO, Mário. Poesia-Experiência. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LEODEGARIO, A. de (ed.). Poetas do Modernismo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972.

FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX. Hugo Friedrich: São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MÁRIO DE ANDRADE: A LYRIC PANEL MODERN THROUGH “ARLEQUINAL LOOK” FOR PAULICEIA DESVAIRADA

Abstract: The premise of this article is to establish a closer relationship between Mário de Andrade poetry in his book *Pauliceia Desvairada* and some key concepts related to the definition of Modern Lyric. To this end, draws on concepts of Modern Lyric and its influence on Brazilian Poetics, ie how its precepts affected and transmitted in major productions of national poets. More important than definitions, these data will allow possible readings of poets linked directly, these new historical influences. This is the case of Mário de Andrade, precursor poet of the 1922 movement, which still remains a poet of difficult approach and reading (here the reasons are many, but mainly the difficulty in assimilating new developments that Modernity came to develop in field of poetry).

Keywords: Pauliceia Desvairada. Mário de Andrade. Modern Lyric. Brazilian modernism. Perspective arlequinal.

MÁRIO DE ANDRADE: LA MUESTRA DE LA LIRICA MODERNA A TRAVÉS DE LA “MIRADA ARLEQUINAL” DE PAULICEIA DESVAIRADA

Resumen: La premisa de este artículo es establecer una relación más estrecha entre la poesía de Mário de Andrade en su libro *Pauliceia Desvairada* y algunos conceptos clave relacionados con la definición de Moderna Lirica. Con este fin, se basa en conceptos de la Moderna Lirica y su influencia en la Poetica brasileña, es decir, cómo sus preceptos afectados y se transmiten en las grandes producciones de poetas nacionales. Más importante que las definiciones, estos datos permitirán posibles lecturas de poetas vinculados directa, estas nuevas influencias históricas. Este es el caso de Mário de Andrade, poeta precursor del movimiento de 1922,

que sigue siendo un poeta de difícil acceso y lectura (aquí las razones son muchas, pero sobre todo la dificultad en la asimilación de los nuevos desarrollos que la modernidad llegó a desarrollarse en campo de la poesía).

Palabras-clave: Pauliceia Desvairada. Mário de Andrade. Lírica Moderna. Modernismo Brasileño. Mirada Arlequin.